



Não me esquecerei

Até aos oito anos, pensava que a palavra domingo significava dia de descanso, porque passava todos os santos domingos no jardim, com a minha avó. As curgetes depressa se tornaram as minhas plantas preferidas, pela maneira como as pequenas e delicadas gavinhas trepavam e se enrolavam na treliça, como se fossem pequenos dedos. Pareciam tão frágeis... Sentava-me no chão e tratava delas, pois sentia que precisavam de mim. A minha avó encarrapitava-se no seu banquinho de jardim e olhava para os tomates de maneira solícita.

— Avó — perguntei-lhe um dia — tenho que retirar todas estas pequenas flores amarelas?

— Porque haverias de as retirar? — perguntou ela, com gentileza.

— Bem, pensei que talvez atraíssem insetos e que depois os insetos poderiam comê-las...

— Não, querida — respondeu, com um pequeno sorriso. — Em breve aquelas flores transformar-se-ão em curgetes.

— A sério?

— Vais ver que sim. Em breve verás que coisas pequenas podem transformar-se em coisas maravilhosas. Não te esqueças disso.

— Coisas pequenas podem transformar-se em coisas maravilhosas — repeti para mim mesma.

— É verdade — confirmou a minha avó.

E todos os domingos eu voltava ao jardim para examinar as curgetes e, sempre que o fazia, via que havia cada vez mais.

— Achas que há assim tantas porque eu tomo bem conta delas? — perguntei.

— Acho que sim — respondeu a minha avó. — Quando tomamos conta das coisas, há coisas boas que crescem. Não te esqueças.

— Quando tomamos conta das coisas, há coisas boas que crescem — repeti para mim mesma.

— É verdade — continuou a minha avó.

A partir desse dia, passei a tomar conta das curgetes ainda melhor. Retirava as folhas castanhas e, se alguma das pequenas gavinhas não chegava à treliça, eu deslocava-a um pouco para mais perto. A minha avó fazia o mesmo com os tomates.

Certo domingo, vi-a pegar na tesoura de poda e cortar um ramo inteiro do tomateiro.

— Avó! — exclamei, chocada. — Porque fizeste isso?

— A planta não é suficientemente forte para aguentar dois ramos carregados de tomates — explicou-me. — Tinha de eliminar um deles para a planta tirar o máximo proveito do outro. Um dia, também vais ter de fazer este tipo de escolhas — disse a minha avó.

— Queres dizer que vou ter de cortar alguma coisa?

— Não, querida, — disse, rindo — mas poderás ter de tomar algumas decisões, porque, às vezes, não podemos ter tudo o que queremos.

— Não me esquecerei — prometi.

Durante meses, regressei todas as semanas a casa da minha avó para ver a minha planta. E, de todas as vezes, vi, com orgulho, que tinha mais curgetes. Até que um dia deixaram de aparecer. Algumas semanas mais tarde, já não havia nenhuma.

— Avó, o que aconteceu com a minha planta? — perguntei, lavada em lágrimas. — Já não cresce mais.

— Sabes, querida, as coisas crescem, mas depois acabam. Nada dura para sempre.

— Mas eu tratava-a tão bem!

— Tratavas, pois, mas as coisas acabam para que novas coisas comecem.

— Há alguma coisa de que nunca me deva esquecer?

— Há — disse a minha avó. — Quando algo morre, há sempre algo que nasce em seu lugar.

— Não me esquecerei — disse.

Continuei a ajudá-la a tratar das outras plantas do jardim, mas um dia confessei:

— Tenho tantas saudades das curgetes!

— Eu sei que tens, querida — disse a minha avó.

— Avó, achas que o avô podia fazer uma estufa? Assim podíamos ter curgetes todo o ano.

— Talvez tenhamos que esperar pela estação certa — disse a minha avó.

— Mas achas que podemos tentar?

— Acho que podemos tentar — concordou.

O meu avô concordou e, quando cheguei, na semana seguinte, a estufa já estava construída. O melhor era as paredes interiores que estavam todas cobertas de treliças.

— É a casa perfeita para as curgetes — disse eu.

— E para os tomates — acrescentou a minha avó.

Plantamos curgetes num lado e tomates no outro. As curgetes tinham cada vez melhor aspeto e os tomates da avó estavam bonitos. Quando vimos os frutos, demo-nos conta de que a estufa funcionava na perfeição.

— Olha, avó! — exclamei. — Tenho aqui uma pequena curgete e centenas de flores. Estas curgetes vão ser as melhores de sempre!

— Tiveste uma ideia fabulosa — disse a minha avó, apertando-me a mão.

— Sabes, avó, acho que há uma coisa de que não te deves esquecer.

— O que é?

— Quando queremos mesmo alguma coisa, encontramos sempre uma solução.

A minha avó virou-se e olhou para mim. Vi-lhe uma pequena lágrima no canto do olho e, por um instante, pensei que ia chorar. Foi então que fez o maior sorriso que alguma vez vi. Abanou a cabeça ligeiramente e apertou-me novamente a mão.

— Obrigada, minha querida! — disse. — Não me esquecerei.

Shelley Ann Wake